



“Acabou chorare”: música popular brasileira em 1972

Pedro Bustamante Teixeira¹

O Ato Institucional número 5 surte efeito no espaço da cultura, e de certa forma, liquida a cultura viva do momento. Impotente, a classe artística não reagiria de imediato. Nossa hipótese é que em 1972, começa a vir à tona tudo aquilo que vinha sendo trabalhado de maneira subterrânea durante esses anos do suposto “vazio cultural”. O AI-5 neutraliza a produção artística no Brasil por um longo tempo, no entanto, começa-se a perceber que durante esse período, em diferentes localidades, eram elaborados os sons que apareceriam em elepês históricos, sobretudo no ano de 1972. Esse tempo de recolhimento forçado e de pouquíssimas oportunidades fez com que grupos de músicos, letristas e artistas passassem a se reunir como coletivos na esperança de sonhar novos sonhos. O *Clube da Esquina*, de Minas Gerais e *Os Novos Baianos* encarnavam bem esse ideal. Diferentemente do movimento Marginalia que, entre 1968 a 1972, distanciou-se da música popular, desde a derrocada do tropicalismo, em direção à poesia, a literatura, ao jornalismo e ao cinema, esses grupos voltavam a dar prioridade às expressões musicais.

A partir de 1972, portanto, conheceríamos a música elaborada durante esses tempos de silêncio forçado. Nas letras, ecos da Marginalia, da canção de protesto, da bossa nova, do tropicalismo e da contracultura. Por fim, surgia algo impossível de ser generalizado, mas que, no entanto, apontava para a superação de um trauma, o vencimento do luto. Não surge do vazio uma série de obras-primas como foram os elepês: *Clube da Esquina*, *Acabou Chorare*, *Transa*, *Chico e Caetano Juntos e ao vivo*, *Expresso 2222*, *Jards Macalé*, *Tom Zé*, *A dança da solidão*, *A Tábua da Esmeralda*, *Mutantes e seus cometas no país dos Baurets*, *Hoje é o primeiro dia do resta das nossas vidas*, etc. Uma erupção heterogênea de lavas elétricas ou acústicas - não importava tanto mais - a surpreender sociedade sob o regime do medo. O

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e Representações Culturais da Universidade Federal de Juiz de Fora.



retorno de uma classe que ficara invisível, subterrânea desde o AI-5 que, no entanto, voltava a rondar o país.

Com a ebulição de tantas cenas, temos enfim a configuração de um cenário heterogêneo apontando para várias direções. Não era mais questão de grandes movimentos organizados, com programas bem definidos e representantes de várias áreas artísticas como foram o Tropicalismo ou os movimentos nacionalistas populares. Em 1972, já se percebia a inviabilidade de um movimento de grandes dimensões e assim os artistas passaram a se organizar em grupos menores, espécies de famílias modernas reunidas pela identificação de seus respectivos membros. Já os artistas remanescentes dos movimentos dos anos sessenta enquanto partiam em busca de uma identidade própria após a dissolução de seus respectivos movimentos, tornavam-se referências para os novos artistas da música popular. A volta de Caetano e de Gilberto Gil do exílio londrino, a visita de João Gilberto ao apartamento dos Novos Baianos no Rio de Janeiro, o contato entre Milton e Elis Regina via Gilberto Gil, o lançamento de João Bosco num compacto dividido com Tom Jobim lançado pelo Pasquim, o encontro de Chico e Caetano num elepê gravado ao vivo, ilustram bem a relação fértil entre as diferentes gerações e a dissolução de antigas divergências para o fortalecimento de uma classe ameaçada pela ditadura.

Focado no ano de 1972 este trabalho busca entender todo um período ainda pouco estudado da história da música popular brasileira. Um período que apesar de ser compreendido sob o nome Pós-Tropicalista, na maioria das vezes não responde por esse nome. Assim a partir de uma análise dos elepês lançados em 1972 discutiremos essa nova conjuntura e a validade dessa nomenclatura.



Referências

- COELHO, Frederico. *Eu, brasileiro, confesso minha culpa, meu pecado: cultura marginal no Brasil nos anos 1960-1970*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- JOST, Miguel e COHN Sérgio (org.). *O Bondinho*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- MARTINS, Luciano. *A “geração AI-5” e Maio de 68: duas manifestações intransitivas*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.
- RAMOS, Miguel Jost. *Re(Des)organizando o movimento: um olhar sobre a música popular brasileira na década de 70*. Dissertação de mestrado em Letras, PUC-Rio, 2007.
- ROSZAK, Theodore. *A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. 2ª ed. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1972. 301 p. Título original: *The making of a counter culture*.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.